

PARTE 2

**DOSSIÊ –  
INVESTIGAÇÕES BASEADAS NAS ARTES:  
SENSIBILIDADES, PERFORMATIVIDADES**

## CAPÍTULO 6

# DESPOÉTICOS TRANSCURSOS: POSSÍVEIS INTER-RELAÇÕES ENTRE CORPO, IMAGEM E PERCEPÇÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Beatriz Ferreira Pires; Renata Pitombo Cidreira

### RESUMO

Na perspectiva irrefreável de ultrapassar o corpo, o tempo e a própria vida, o ser humano na contemporaneidade encontra-se envolvido por uma série de artefatos mecânicos e digitais. Objetos, redes e sistemas que prometem expandir e transcender a corporeidade, o espaço e o tempo insinuando o cancelamento da morte. O presente artigo procura questionar se tal cenário não estaria promovendo uma fragmentação da própria humanidade. Para sedimentar tal reflexão usaremos, entre outros, os contributos de Ailton Krenak, Byun-Chul Han, David Le Breton, Merleau-Ponty, Paul B. Preciado, Paula Sibília.

## INTRODUÇÃO

Dispensável dizer que cada vez mais as atividades, serviços e interações desenvolvidas pela grande maioria das pessoas que compõem nossa sociedade são mediados por maquinários, engenhocas mecânicas e digitais, aparelhos eletrônicos móveis, sistemas operacionais, programas e aplicativos móveis. Enredadas nos labirintos e armadilhas direta e/ou indiretamente propiciados pelo *modus operandi* decorrente de tais instrumentos, plataformas e programas, de forma contínua, crescente e acelerada, essas pessoas abandonam o orgânico pelo inorgânico, o animado pelo inanimado. Encalacradas entre opostos, buscam driblar o tempo, o corpo, a vida.

Entre as engenhocas presentes em nosso cotidiano, a que se destaca pelo número de usuários é o *smartphone* (telefone inteligente). Aparelho móvel de comunicação com capacidades avançadas, como: acesso à internet, sincronização de dados, agenda de contatos, câmera digital, filmadora, editores de texto, sistema de posicionamento global (GPS) e inúmeros aplicativos escolhidos conforme a necessidade ou desejo do usuário, o *smartphone* é responsável por implementar novos gestos e movimentos corporais, novos modos de se relacionar, de estar no mundo, de percorrer e explorar seus caminhos, de desenvolver atividades corriqueiras, de agregar ao cotidiano de seus portadores efeitos especiais, por exemplo, trilha sonora personalizada.

O *smartphone* abre possibilidades que transformam o presente no futuro, tantas vezes exposto em livros e filmes de ficção científica. Para exemplificar apenas algumas dessas possibilidades, podemos elencar: chamadas de vídeo que compreendem eventos, como reuniões, palestras, aulas, nos quais os integrantes estão em locais diferentes; conhecer e transitar por lugares sem estar fisicamente presente neles; sistema de navegação e orientação geográfica; informações sobre qualquer assunto; feitura instantânea de registros imagéticos etc. Curioso é pensar que, na grande maioria dos referidos livros e filmes, o futuro apresentado é inóspito, adverso, hostil ao ser humano. Estaríamos nós desejando o fim da humanidade?

Ideia curiosa, se pensada em paralelo aos inúmeros procedimentos médico-científico-estéticos utilizados com o intuito de se obter a eterna juventude e o cancelamento da morte.

Durante o início da pandemia de covid-19, o uso de *smartphones*, computadores e aparelhos similares se tornou imprescindível para a não paralização de algumas atividades, entre elas a educação. Falando especificamente da questão que envolve o corpo e sua imagem, tal circunstância propiciou uma enorme aceleração em direção ao processo de desmaterialização do corpo, de anulação do outro, de observação da própria imagem – curiosamente invertida. Ver a si próprio desempenhando atividades cotidianas, por não ser algo esperado ou provável, gera afetos de diferentes ordens.

*A ideia da fotografia, por exemplo, que não é tão recente: projetar uma imagem para além daquele instante em que você está vivo é uma coisa fantástica. E assim ficamos presos em uma espécie de looping sem sentido. Isso é uma droga incrível, muito mais perigosa que as que o sistema proíbe por aí (KRENAK, 2020, p. 18).*

Fagocitados pela imagem e colocados no centro de nossa atenção, nos afastamos ainda mais do outro e do espaço que habitamos.

## O OUTRO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No percurso aqui proposto, juntamente a essa, outras questões relativas à concreitude de objetos, seres, coisas, ambientes e seu oposto se somam. Qual a relevância da materialidade em um ambiente no qual o objeto é sobrepujado pela imagem? Qual o lugar da imaginação em um tempo no qual imagens sobrepujam sonhos e devaneios? Qual o lugar da imaginação em um tempo no qual o ato de projetar, criar, conceber, engendrar é substituído pela busca de imagens veiculadas em *websites*? Basta ao sujeito contemporâneo aquilo que foi por outro imaginado?

Byun-Chul Han, inicia seu livro *A expulsão do outro* dizendo que: “O tempo no qual havia o *outro* passou” (Han, 2022, p. 07). Vivemos em uma sociedade que, embora na teoria enalteça aquilo ou aquele que se difere da maioria, na prática demonstra apreço por aquilo ou aquele que da maioria se assemelha.

*Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor. A negatividade do outro dá lugar, hoje, à positividade do igual. A proliferação do igual constitui as transformações patológicas que afligem o corpo social (Han, 2022, p. 07).*

O esforço despendido para o aniquilamento do outro, para a pasteurização das autenticidades estéticas expressivas, dos sonhos e dos desejos não é, em nossa sociedade, uma exclusividade do período histórico em que vivemos. O que diferencia o cerceamento praticado hoje dos praticados anteriormente é a forma como ele se faz presente. Essa forma resulta do modo como atualmente nossa sociedade se estrutura.

Um dos pontos principais dessa estrutura é a valorização do fragmento em detrimento da inteireza. Como uma das consequências desse modo organizacional, o ser humano não se percebe, não se sente, não se denomina natureza. Nesse modelo a fragmentação do corpo e a busca pela menor fração é uma constante.

*Nas sociedades do tipo comunitário, em que o sentido da existência do homem marca uma submissão fiel ao grupo, ao cosmo e à natureza, o corpo não existe como elemento de individuação, uma vez que o próprio indivíduo não se distingue do grupo, sendo, no máximo, uma singularidade na harmonia diferencial do grupo. Ao contrário, o isolamento do corpo no seio das sociedades ocidentais (cf. infra) testemunha uma trama social na qual o homem*

*é separado do cosmo, separado dos outros e separado de si mesmo. Fator de individualização no plano social, no plano das representações, o corpo é dissociado do sujeito e percebido com um de seus atributos (BRETON, 2012, p. 33).*

Fragmentados, material e imaterialmente, desafiamos o conceito de sociedade: “ambiente humano ao qual o indivíduo se encontra integrado” (<https://michaelis.uol.com.br>).

Beatriz Paul Preciado, em seu livro *Texto Junkie*, pontua que “O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles” (Preciado, 2018, p.86), e batiza o período em que vivemos de “era farmacopornográfica.” Como a denominação explícita, os pilares que sustentam e fundamentam essa era são a indústria farmacêutica e a indústria do audiovisual.

*O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e afetos. Nos campos da biotecnologia e da pornocomunicação, não há objetos a produzir, trata-se de inventar um sujeito e produzi-lo em escala global (Preciado, 2018, p. 56-57).*

Em decorrência da estrutura social vigente, não basta ao sujeito contemplar sua representação imagética. Isso não o satisfaz. Hoje, mais que nunca, o sujeito almeja ser imagem. Enquanto imagem, tudo, todas as coisas e todos os seres podem ser trabalhados até atingir o conceito de perfeição em voga.

## **SEGURANÇA X LIBERDADE, SONHOS X TRAQUITANAS**

O anseio pela ideia de perfeição, fundamentada em padrões preestabelecidos que passam desde a estética do corpo, da vestimenta, arquitetura e cidade, até o tipo de carreira, entretenimento etc., a aceitação pela exaltação da produtividade e a preferência pela variável segurança, em relação à equação segurança x liberdade tão bem apresentada por Zygmunt Bauman na entrevista dada ao Fronteiras do Pensamento em 2011, na qual, por meio de uma proporcionalidade oposta, o aumento de uma implica na diminuição da outra, reforçam o individualismo preponderante no tempo atual.

Ressaltando o comportamento fundamentado no individualismo, apontando parte das mazelas que ele acarreta e discorrendo sobre povos cujo agrupamento segue outras formas de organização, nas quais a concepção de sociedade se difere da nossa e os sonhos têm relevância na forma como se compreende os acontecimentos e se elabora as ações do período de vigília, Sidarta Ribeiro, na entrevista, veiculada pelo portal de notícias Metrôpoles, concedida à Érica Montenegro em 20 de junho de 2022, afirma que: “O sonho é uma forma ancestral de construção de adaptação, de futuro, de alternativas e de possibilidades”, e que o sonho: “É importante para termos criatividade e flexibilidade cognitiva”.

Em outro momento, na conversa que estabelece com Ailton Krenak no evento Ciclo dos Sonhos, Sidarta alerta sobre a relação entre humanos e robôs: máquinas não são feitas para amar e evoca o seguinte pensamento de Krenak: “A invenção de um monte de maquininhas deu ao ser humano a sensação de que eles não precisam mais dos sonhos. E olha onde nós estamos” (<https://www.youtube.com/watch?v=g92X-3G832pY>).

## “VALE DA ESTRANHEZA”

Em 1º de junho de 2022 o jornal Folha de S.Paulo veiculou a seguinte matéria da repórter Marina Lourenço ‘Robô estil’ *Black Mirror* surta e debocha da gente em peça sem atores de verdade’. A matéria discorre sobre o monólogo, desenvolvido em forma de palestra, intitulado “Vale da Estranheza”. Dirigido pelo suíço Stefan Kaegi e apresentado como parte da programação da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), o espetáculo é encenado por um animatrônico de Thomas Melle (autor do livro que compõem o roteiro: *O Mundo às Costas*), que no decorrer da peça aborda questões relacionadas à vida humana, liberdade, saúde mental, bipolaridade, tecnologia, relação entre robôs e humanos.<sup>27</sup>

As fotos de divulgação da peça explicitam o fato do protagonista ser um humanoide com imagens que mostram a parte posterior de seu corpo. Aberto ao seu interior, a cabeça e o dorso do personagem exibem engrenagens, feixes de fios, plugues e componentes metálicos.

A expressão “Vale da Estranheza”, que nomeia a peça, foi criada em 1970 pelo roboticista japonês Masahiro Mori. Ela designa a sensação de medo, angústia e repulsa que as pessoas têm quando se deparam com robôs que, embora não sejam totalmente idênticos, são, materialmente, muito semelhantes aos humanos.

Ano passado a empresa *Engineered Arts* apresentou ao mundo o robô humanoide Ameca. Ameca se diferencia dos robôs criados por outras empresas, como Boston Dynamics, Toyota e Amazon, pela função que desempenha e pela forma que interage com os humanos. Ameca, que não dança e nem realiza tarefas domésticas, possui várias expressões faciais realistas, conversa com seus interlocutores e foi projetada para hospedar inteligência artificial.

Will Jackson, CEO da *Engineered Arts*, em entrevista à Reuters declara que: “A razão para fazer um robô que se pareça com uma pessoa é para interagir com as pessoas”.

Refletindo sobre essa declaração a partir do pensamento de Preciado anteriormente citado, seria o robô humanoide o novo objeto a ser produzido em escala global?

Os recentes acontecimentos relatados nos confrontam com uma questão fundamental sobre o ato perceptivo e as relações da corporeidade aí envolvidas. Como

---

27 Importante apontar que as informações sobre o espetáculo se baseiam nas informações veiculadas pela referida reportagem e na sinopse do espetáculo publicada no site da mostra.

concebemos a dimensão perceptiva a partir da profusão das novas tecnologias na contemporaneidade, cuja promessa, inclusive, culmina na substituição do próprio corpo por máquinas?

## CORPOREIDADE ATIVADA E SENSIBILIDADE PERFORMATIVA

Em alguns desses exemplos identificamos uma tendência a promover experiências extracorpóreas, uma vontade de prescindir do corpo para ativação da experiência; um desejo de abandono ou de substituição da nossa estrutura corporal para a realização de algumas expressões, sobretudo, artísticas. Mas é preciso salientar que tal tendência não se restringe a esse âmbito do campo das Artes ou dos empenhos criativos/poéticos, também nas atividades cotidianas têm sido empreendidos esforços e estudos cada vez mais sofisticados para suprimir a corporeidade, ou pelo menos limitá-la: acionamento de circuitos inteligentes apenas com dispositivos sonoros, como bater de palmas ou mesmo uma rápida e precisa mobilização vocal, que fazem uma casa inteira funcionar.

É inegável o quanto esses avanços tecnológicos facilitam e agilizam muitas tarefas que realizamos no nosso cotidiano, bem como proporcionam novas e instigantes experiências no campo das Artes, como a já relatada anteriormente na peça teatral. Nesse cenário, chega-se a falar em INTERNET das coisas (IOT), por exemplo, suscitando certa autonomia dos objetos em relação à interferência humana e, portanto, do próprio corpo. A IOT seria uma espécie de interconexão digital de objetos cotidianos com a INTERNET, uma rede de objetos físicos capaz de reunir e transmitir dados, conectando objetos mais do que pessoas. Conforme explicitam André Lemos e Daniel Marques, a INTERNET das coisas (IOT) “é uma rede de objetos relativamente autônomos cujas ações interferem diretamente nos espaços públicos, no lar ou no corpo, seja com os atuais projetos de cidades inteligentes (*Smart city*), casas inteligentes (*Smart Home*) ou objetos vestíveis (*wearables*)” (LEMOS; MARQUES, 2019, p. 4).

Para os autores, a sensibilidade “performativa é “uma forma específica de produção de performances e sensibilidades advinda dos fenômenos de produção, coleta e interpretação de dados e informações retiradas dos objetos” e do ambiente” (LEMOS; MARQUES, 2019, p. 4). E nesse sentido, a sensibilidade performativa é constituída a partir do binômio sensibilidade e performatividade sendo a sensibilidade a capacidade dos objetos da INTERNET das coisas em sentir dados de outros objetos e do ambiente e a performatividade seria essa ampla agência em que objetos executam em uma ampla rede.

*A sensibilidade performativa projeta-se em uma rede realizando ações e narrativas (discursos, ideologias) contextualizadas e personalizadas com base nas estratégias de circulação, compartilhamento, processamento e análise agregada de múltiplas bases de dados (LEMOS; MARQUES, 2019, p. 4).*

De todo modo, o que constatamos são interações humano/não humano e não humano/não humano, se é que neste caso podemos falar efetivamente de interação. Nesse ambiente de interfaces as *wearables* têm se destacado, à medida que a tecnologia digital se conecta ao corpo do usuário, gerando novos modos de percepção e ação. Corroborando essa perspectiva, Sibília (2002, p. 19) afirma que nossos corpos “se apresentam como sistema de processamento de dados, códigos, perfis cifrados, feixes de informação”, ao que acrescenta: “o corpo humano inserido na esteira digital se torna permeável projetável programável”.

É preciso salientar que as *wearables* são artefatos que começam a estabelecer novos tipos de articulações entre o corpo e o meio ambiente, promovendo novas formas de estar no mundo, em sociedade e consigo mesmo. Há uma configuração social, cognitiva e sensorial.

## PRIMAZIA PERCEPTIVA

Decerto tais avanços tecnológicos nos confrontam sobre o tema da percepção e o lugar do corpo próprio. Muito já se falou, inclusive, sobre a perspectiva de uma nova sensibilidade, de um novo dispositivo ou processo perceptivo ou ainda sobre o novo corpo. Mas é preciso reconhecer, para além do entusiasmo que esse cenário nos promove, o fato de que o ato perceptivo é algo intrínseco ao ser humano e de que não necessariamente se trata de uma nova percepção. O importante é reconhecer, como nos esclarece Merleau-Ponty, o primado da percepção.

Um dos aspectos essenciais apontados por Merleau-Ponty (2015, p. 31) é o fato de que não devemos “conceber o sujeito que percebe como uma consciência que ‘interpreta’, ‘decifra’ ou ‘ordena’ uma matéria sensível da qual ele possuiria a lei ideal”. Nesse sentido, compreendemos que toda percepção é circunstancial, está ancorada no tempo e espaço determinado, “tem lugar em certo horizonte e, enfim, no ‘mundo’” (Idem, *ibidem*, p. 31). Assim, a “relação de algum modo orgânica do sujeito percipiente e do mundo comporta, por princípio, a contradição da imanência e da transcendência” (Idem, *ibidem*, p. 32).

*A percepção é, portanto, um paradoxo e a própria coisa percebida é paradoxal; ela não existe senão enquanto alguém puder percebê-la. Não posso por um instante sequer imaginar um objeto em si. [...] Há, portanto, na percepção um paradoxo da imanência e da transcendência; imanência visto que o percebido não poderia ser estranho àquele que o percebe; transcendência, visto que comporta sempre um além do que está atualmente dado (Idem, *ibidem*, p. 37).*



A partir dessas observações preliminares, concluímos que a percepção e o mundo percebido comportam relações. Além disso, a percepção não é decomponível, não se efetiva a partir de uma reunião de partes ou de sensações; o que temos é uma configuração em que o todo é sempre anterior às partes e que a matéria da percepção está sempre “preenhe de sua forma”, como nos alerta Merleau-Ponty (2015, p. 36).

*A coisa percebida não é uma unidade ideal possuída pela inteligência, por exemplo, uma noção geométrica; é uma totalidade aberta para o horizonte de um número indefinido de visadas perspectivas, que se recordam segundo certo estilo, estilo que define o objeto de que se trata (Merleau-Ponty, 2015, p. 36-37).*

Outra perspectiva extremamente importante realçada pelo pensamento do autor é o fato de que existe uma comunicabilidade entre os indivíduos a partir dos atos perceptivos; a minha percepção não é uma simples sensação privada. Há uma comunicação primordial e, portanto,

*[...] é preciso [...] que, pela percepção de outrem, eu me encontre posto em relação com outro eu, que ele esteja em princípio aberto às mesmas verdades que eu, em relação com o mesmo ser que eu. E essa percepção se realiza do fundo de minha subjetividade, vejo aparecer outra subjetividade investida de direitos iguais, porque em meu campo perceptivo, se desenha a conduta de outrem, um comportamento que compreendo, a palavra de outrem, um pensamento que eu abraço, e porque este outro, nascido em meio aos meus fenômenos, apropria-se deles, tratando-os segundo as condutas típicas das quais eu próprio tenho a experiência (Merleau-Ponty, 2015, p. 39).*

Nas palavras de Merleau-Ponty reconhecemos que a percepção de algo ou mesmo de alguém nos abre ao ser, e que realiza, desse modo, a síntese paradoxal da percepção, uma vez que ao nos recolocar a nós, nossas perspectivas e nossa solidão incomunicável no campo de visão do outro e de todos os outros, se estilhaça. O primado da percepção já nos convoca a uma partilha; há uma dimensão comunal.

Nessa perspectiva, nos colocamos sempre em presença; nos constituímos enquanto presença e, neste sentido, o corpo próprio tem um protagonismo irrefutável. Vejamos o que nos diz Merleau-Ponty a esse respeito.

## REITERAÇÃO DO CORPO PRÓPRIO

Na *Fenomenologia da Percepção* (1999), Merleau-Ponty reaviva o corpo como meio através do qual temos acesso ao mundo e o habitamos e o percebemos. Para o autor, “o corpo é o veículo do ser no mundo e ter um corpo é para um ser vivo, juntar-se ao meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 1999, p. 122). O corpo é um modo possível de ser no mundo e não um objeto, no sentido cartesiano, do qual dispomos a nosso bel-prazer. O corpo age e explora o mundo e, nesse sentido, a disposição corporal nos dá acesso ao mundo e suas aparências; percebemos, experimentamos e sentimos através do nosso esquema corporal.

*O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mais ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais (Merleau-Ponty, 1999, p. 195).*

Lidamos, portanto, com um corpo situado e que já traz sua historicidade. Temos habilidades motoras e sensoriais adquiridas, um esquema corporal sedimentado, que está envolto em uma circunstância espaço-temporal. Assim, cada um de nós tem um estilo de agir e de estar no mundo. Como atesta Merleau-Ponty,

*O que importa para a orientação do espetáculo não é meu corpo tal como de fato ele é, enquanto coisa no espaço objetivo, mas meu corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo lugar fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação (Merleau-Ponty, 1999, p. 336).*

As medidas impostas pela necessidade do distanciamento social em função da pandemia de covid-19 impuseram temporalidades e distâncias artificiais. Esse outro espaço-tempo exigiu do corpo novas configurações fazendo com que o esquema corporal e o poder habitual fossem expandidos. Diante de telas de computador, realizando atividades sempre mediadas pela imagem, dimensões outras de temporalidade e de espacialidade foram impostas ao nosso corpo fazendo com que a nossa configuração corporal tivesse que encontrar novas possibilidades de estar em situação, a partir dessas novas dimensões temporais e espaciais. O corpo, mais uma vez, distendeu-se, ampliou-se, ressignificou-se mostrando sua plasticidade e sua capacidade de adaptação às circunstâncias nas quais se encontra inserido.

*Enquanto instância não objetificável, o corpo se entrelaça ao mundo a partir das funcionalidades que são acionadas. Circunscrevendo-se a cada instante de forma diferenciada no mundo. Daí porque é impossível decifrá-lo claramente.*

*Se tento pensá-lo como um conjunto de processos em terceira pessoa – “visão”, “motricidade”, “sexualidade” – percebo que essas “funções” não podem estar ligadas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade, todas elas estão confusamente retomadas e implicadas em um drama único. Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa (Merleau-Ponty, 1999, p. 269).*

O que Merleau-Ponty chama de corpo próprio tem relação com esse hábito corporal; um *poder habitual* que se realiza como comunicação primordial com o ambiente no qual nos encontramos situados. O corpo próprio compactua com o mundo vivido, estabelecendo dinâmicas de agir, de se comportar e de sentir. Somos um eu corporificado em atitude. Outro aspecto importante ressaltado por Merleau-Ponty é um fato de que o nosso corpo também se relaciona o tempo todo com outro, com outros corpos. Assim ele identifica a síntese do corpo próprio como uma unidade que se estabelece pela da interação corpo-mundo-outro. Isso é o alcance do nosso corpo via nosso corpo, enquanto potência, instalamo-nos no mundo e nos relacionamos com o outro.

Para o autor, o corpo afirma-se como corpo estesiológico simultaneamente sensível e senciente. Tal perspectiva fica mais evidente no seu livro *O visível e o invisível* (2005), em que Merleau-Ponty nos adverte que temos a capacidade de sentirmos a nós mesmos e, concomitantemente, abrimo-nos para o outrem, o que não é *si mesmo*.

*O mundo está no âmago de nossa carne. Em todo caso, reconhece-se uma relação corpo-mundo, há ramificação do meu corpo e ramificação do mundo e correspondência do seu dentro e do meu fora, do meu fora e do seu dentro (Merleau-Ponty, 2005, p. 132).*

O autor explicita ainda essa condição estesiológica, sobretudo pelo do tato, evidenciando que nosso corpo toca as coisas do mundo e toca a si mesmo. “O sujeito que toca passa ao nível do tocado, descendo às coisas, de sorte que o tocar se faz no meio do mundo e como nelas” (Merleau-Ponty, 2005, p. 130). No mesmo sentido, o corpo que vê também é visto por sua condição visível. Assim, tanto na experiência do tato, quanto da visão, encontramos essa reversibilidade do corpo sensível que sente e se afeta com as coisas do mundo e que é capaz de sentir-se a si mesmo e aos outros corpos enquanto sensível exemplar; há uma espécie de “[...] aderência entre meu corpo e os corpos dos outros tecidos na generalidade da massa sensível” (Dias, 2022, p. 64).

É nesse sentido que por mais que algumas experiências tentem e proclamem prescindir do corpo, acreditamos que tal intento é impossível. Tanto a peça teatral “Vale da estranheza”, na qual os robôs humanoides e as criações de vestimentas inteligentes e digitais solicitam um corpo para o acionamento e envolvimento com elas. Seja no processo produtivo ou mesmo na dinâmica receptiva, haverá sempre um corpo próprio, potente, flexível, atualizável e extremamente plástico, disponível para interagir com o mundo circundante e com o outro. Através e com nosso corpo próprio experimentamos e somos afetados por experiências habituais e outras tantas novas, que ampliam nosso horizonte e vivificam nossa vida, nossa condição de estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- AMECA, o robô humanoide que chamou atenção na CES 2022. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ameca-robo-o-que-e/>.
- CI-LO dos Sonhos - Desenho-sonho. Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g92X3G832pY>.
- DIAS, João Carlos. Relevo odontológico do corpo em Merleau-Ponty ou o corpo estesiológico em o visível e o invisível. *Revista Prometeus*, n. 38, Abril, 2022, p. 49-68.
- HAN, Byun-Chul. *A expulsão do outro – sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LEMOES, André; MARQUES, Daniel. Privacidade e internet das coisas: análise da rede Nest a partir da sensibilidade performativa. In *Revista E-compós*, v. 22, 2019, p. 1-26.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o Invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Texto Junkie – Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- SIBÍLIA, Paula. O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais In MASTROCOLA, Vicente, CASTRO, Gisela. Comunicação e consumo nas wearable technologies. *Revista Geminis*, ano 6, n. 2, 2002, p. 130-147.

SIDARTA Ribeiro explica a importância do sonho e como se lembrar dele. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/sidarta-ribeiro-explica-a-importancia-do-sonho-e-como-se-lembrar-dele>.

ZYGMUNT Bauman. Fronteiras do Pensamento. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IyhOBYoBnsU>.